

A Educação de Administradores em Cursos Noturnos: o quanto a literatura nos ensina sobre o cotidiano das salas de aula.

Autoria: Edison Mello Júnior, Ângela Mello

Resumo

Este trabalho trata do cotidiano da sala de aula de um curso noturno de Administração. Enquadra nesta cena os atores, professores e alunos, que compõem o roteiro precário de um capítulo da história da educação brasileira, sendo o primeiro encontro com os alunos do primeiro período emblemático para a situação estudada. A crônica, enquanto estilo literário sustenta o método das argumentações e a opção pela ironia reforça uma situação de descaso com a educação. Cinco teses sustentam a indignação expressa na prática pedagógica. Nestas teses é discutido o desafio que a nós professores é colocado para exigir a leitura de textos quando uma parcela significativa de nossos alunos chegam até nós com a capacidade de ler e compreender um texto, abaixo do mínimo exigido para um aluno de graduação. Apresento as diferentes formas que o discurso pedagógico-administrativo assume nas mãos de professores e alunos. Faço uma análise histórica e pontual, que nos afasta dos saberes científicos mais aprofundados e mostro que a busca desenfreada por um título, justifica todos os meios para obtê-lo. Rendo-me à soberania do episcopado educacional brasileiro que muito tem colaborado na difusão de um ensino superior para todos. Por fim, não me resta outra saída para a primeira noite das minhas humildes observações: dormir e esperar por um outro dia.

Intróito

Quis, nesse espaço que a ciência concede-me generosamente, expor as minhas experiências sobre o cotidiano da sala de aula dos cursos noturnos de Administração, no interior do país. Tanto a escolha do curso quanto a sua geografia têm a sua razão definida e confundem-se com a minha própria história profissional.

Optei por escrever na primeira pessoa para que a hipocrisia da impessoalidade não viesse a me cobrar mais tarde a responsabilidade por minhas declarações.

Procurei observar todos os mandamentos dos métodos e das doutrinas metodológicas, mas não fui além da procura. O método que sustenta as minhas declarações não precisa de nada mais do que a boa vontade do leitor interessado em dividir comigo, as crises por que passam os educadores comprometidos com o preparação dos seus alunos, segundo dizem, para o mundo.

Para que eu não me mostre tão refratário aos receituários metodológicos das grandes ciências e não contrarie àqueles que dedicaram toda a sua vida a estruturar o pensamento alheio, procurei aproximar-me do objeto de pesquisa, definindo-o da seguinte forma:

Ao cair da noite, quais os desígnios que os bons deuses da ciência reservam aos que optam por exercer a profissão de Administrador e a faz através dos cursos noturnos?

Questiono, ainda que de forma emblemática, qual a verdadeira educação profissional que nós professores estamos dando aos alunos ainda adolescentes que optam ou são levados a estudar em um curso noturno e como esses alunos percebem-se em um curso de nível superior que os prepara para a vida profissional a qual eles escolheram como destino de suas vocações.

A estrutura transversal que adquire esse relato em forma de crônica confunde-se com o tempo que convivo dentro de sala de aula – vinte e dois anos - atento a todos os movimentos sísmicos dos grupos que cursam cada um dos períodos da grade curricular. Essa minha opção particular pela dedicação exclusiva à sala de aula, ao invés da participação em diferentes sindicatos organizacionais da burocracia universitária, permitiu-me enxergar dimensões

diferentes do cotidiano universitário desses alunos o que, de outra forma, jamais seria possível obtê-las com tantos detalhes.

É a partir desses detalhes que irei procurar deixar exposta a face oculta do modelo educacional que se oferece aos alunos que frequentam os cursos noturnos de Administração.

Em uma das maiores perversidades da história educacional, o Estado brasileiro incentiva a busca do ensino superior para todos como forma de inserção e ascensão social, estimulando compulsoriamente (através do sistema de escambo de verbas públicas para financiamento de novos projetos ligados à pesquisa) a abertura de novas vagas em cursos noturnos de Administração, em particular, e em cursos de outras especialidades, como se a sociedade civil e política pudessem criar empregos para todos e o rótulo profissional de nível superior fosse a senha para a entrada nesse *clubinho*.

O cotidiano das salas de aula de cursos noturnos é um espetáculo que deve ser estudado como tal, vividos tanto por professores quanto pelos alunos. Não raro percebe-se que o propalado projeto pedagógico que a burocracia educacional exalta em seus métodos não passa de uma figura de retórica: não raro, os atores desse espetáculo, conseguem entender a razão pela qual eles ali se encontram.

Nos cursos noturnos convivem dois mundos distintos em uma geografia de contrastes. Debatem-se objetivos pessoais e institucionais sem que desse conflito possam surgir alternativas comuns para cada um dos segmentos.

Somos, enquanto professores, vetores assentados em planos diferentes um dos outros e do plano em que se situam os alunos. O que nos mantém em equilíbrio temporário é o discurso técnico, objetivo e de resultados de curto prazo. O aluno é visto na perspectiva desses olhares. Embaçado, distorcido e virtual. Por parte dos alunos, a mesma cena se repete.

O tempo do contato humano resume-se aos trinta e cinco, quarenta, quarenta e cinco minutos de aula. e nunca além disso e em nenhuma outra ocasião diferente daquelas definidas pelo horário acadêmico.

Quatro, cinco anos é o tempo consignado para que se endosse a promissória intelectual dos pretensos profissionais. Os ganhos e perdas de alunos e professores, quase que se equivalem em valores relativos. Em valores absolutos, a realidade se mostra completamente diferente.

Nesse trabalho proponho-me a falar sobre a condição humana que tem que estar presente na educação de todos os profissionais. Interponho a ela o tempo cronológico que a pouco mencionei nos parágrafos acima. Falo dos anos que cada qual dos atores perde em suas vidas, comprometendo-se com a ilusão de que serão capazes profissionalmente e pessoalmente de ingressar no mundo do trabalho, pelo simples fato de buscarem uma educação de nível superior. Falo da busca dos títulos e do sentido colonial de sua propriedade, que imprime e reproduz o velho adágio da importância do ter em detrimento do ser. Falo de um exército de jovens que deixarão as suas juventudes em algum botequim acadêmico, acreditando no discurso do *çabios* que divulgam de forma criminosamente que os alunos de Administração precisam trabalhar o mais cedo possível, para poder aproveitar melhor o curso que optaram por fazer.

De todas essas falas compõe-se o meu silêncio, a minha reclusão, a minha eterna insatisfação diante do que se chama de educação em cursos noturnos de Administração. Fala que é silêncio porque, aceito todos os dias, os discursos otimistas do Estado, das Instituições de nível superior e dos seus respectivos Conselhos, que ornados de toda a empáfia que a burocracia lhes reserva, se colocam como Superiores.

Para representar essa fala, de forma mais precisa, acredito eu, procurei me aproximar do pensamento dos escritores que pensaram e pensam a cultura humana - por suas imparcialidades e independência diante dos temas aqui tratados. Não que os trabalhos dos

meus pares acadêmicos não se prestem a sustentar as minhas reflexões. Servem, e o farei em um momento mais propício.

Agora, com disse no início, farei uso em minhas reflexões daqueles que nos ensinaram à distância à pensar, a imaginar, a sonhar sem a necessidade de qualquer tipo de aditivo químico. Recorro à Literatura. Isso, para que não me venham a acusar mais tarde que não reservei, “em minha pesquisa”, um espaço para a Revisão da Literatura. Está, devidamente, reservado!

Ainda assim, se acharem imprescindível uma classificação metodológica para a compreensão desse trabalho, podem considerar, com a minha autorização, aquela que julgarem a mais adequada.

Passemos aos resultados !

A PRIMEIRA NOITE

Quatro décadas nos separam...e os olhares assustados marcam o nosso primeiro encontro. Estou na sala de aula do primeiro período de um curso noturno de Administração.

Os olhares deles são a representação mais bem acabada de suas adolescências. Um misto de surpresa, de medo, de indecisão se misturam à uma vontade contida em encontrar defeitos na figura da autoridade. Uma hipocrisia aparente e uma suposição de invulnerabilidade, emolduram o quadro dessa juventude que ora iremos interromper. Aprendi isso em meus livros de Desenvolvimento Humano¹ e esse aprendizado ajuda-me até hoje a compreender esses adolescente.

Questiono a razão que os trouxeram ao curso e por suas vozes falam os vermes de Casmurro: “nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos: nós roemos” (MACHADO DE ASSIS, 1984, p.35)

Deve ficar o sentido e não a figura. As falas de seus personagens foram criadas há tempos atrás, pelas famílias, pelo mercado, pelas escolas e pelas condições materiais criadas pelos estamentos sociais de onde vieram. Se não vejamos!

A minha curiosidade pelo comportamento dos estudantes de Administração, data de 1986, quando ingressei na Universidade para ser professor. Naquela ocasião realizei uma pesquisa que investigava o perfil do aluno do Curso de Administração de uma Universidade (localizada no interior do Brasil) e o do mercado de trabalho que os absorvia; curso esse, cujo funcionamento era em horário noturno. (MELLO; MARÇAL 1986)

Perguntados sobre a maneira como haviam escolhido o referido curso, os alunos, em sua quase totalidade declararam que o haviam feito baseados na identificação que tinham com a carreira, com a possibilidade de realizar um curso que fosse compatível com a jornada de trabalho em horário integral e por ser um curso que oferecia as maiores perspectivas de emprego e de ascensão na hierarquia organizacional.

Suspeitei que por trás dessas afirmações tão bem encadeadas existisse uma realidade bem diferente. Confesso, que cheguei a pensar que o verdadeiro motivo desses jovens era o de ter escolhido uma carreira que se projetava, na ocasião, como uma carreira que oferecia altos salários e que permitia assim, uma rápida ascensão social. Abandonei esse pensamento, assim que acabei de formulá-lo. Mais tarde vi que essa era parte de uma das verdades.

Resolvi, então, recorrer às experiências de uma outra abordagem metodológica. Inspirado pelo conteúdo da sócio-malandragem carioca iniciei junto aos alunos as minhas pesquisas de campo, menos estruturada que na primeira versão, é verdade, mas de uma eficácia ímpar.

Conversa vai, conversa vem, comecei a perceber pelas declarações informais dos meus informantes, que a primeira coisa que os faziam optar pela carreira de Administração era a estratégia para “passar” no vestibular.

Passemos, então, ao relato de um dos informantes:

Para entrar nos cursos de engenharia o aluno precisa ser bom em matemática e física. Para fazer medicina precisa ser “caxias”, ser bom em tudo. Para fazer Direito precisa gostar de ler...são muitas leis. Não faço nenhuma licenciatura, porque não quero ser professor. Fazer artes e música (até que eu faria...), nem pensar; vou morrer de fome quando me formar. O que sobra então é Administração: por ser à noite, não precisa estudar muito porque é um curso fácil, posso trabalhar e ganhar o meu dinheiro já no primeiro ano. Alguns colegas são chamados para fazer estágio logo no primeiro semestre. (DEPOIMENTO DE UM CANDIDATO AO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – 17 ANOS)

Assim se chega à Administração. Uma profissão generosa, genuína e de forte cunho social.

Generosa porque, segundo os próprios alunos, para se passar no vestibular de um curso de Administração, não precisa saber tanto matemática, tanto física e nem tanto química quanto para a Engenharia. Nem tanto português, história e geografia quanto os alunos que optam por profissões ligadas às ciências sociais. Um pouco de cada é o suficiente.

Genuína, porque é um dos cursos que tem o maior volume de credenciamento pelo MEC/SESU (pelo menos na região em que se passa esse acontecimento) e em horário noturno², superando, inclusive, cursos tradicionais como os de Engenharia e Direito.

Quanto ao forte cunho social do Curso, devo declarar que essa característica foi determinada a partir de uma suspeita que teve origem em uma afirmação recorrente entre os alunos do curso de administração noturno. A maioria quando indagados porque estudam à noite respondem que é porque precisam trabalhar.

Se isso é consenso entre esses alunos seria lícito se concluir que a condição financeira dos alunos dos cursos de Administração noturnos seria inferior a todos os demais cursos que funcionam em horário integral, mesmo as licenciaturas.

Tive então que confrontar-me com a minha ignorância e a minha eterna impertinência de pesquisador. Será que por serem carentes os alunos dos cursos de Administração precisavam trabalhar? Caso isso fosse uma hipótese, o que se dizer então dos alunos de outros cursos? Ou os outros cursos não tinham alunos carentes? Ou tinham e esses alunos eram ungidos por uma força superior, metafísica que os permitia sobreviver de maneira frugal e conseguiam estudar em horário integral? Ou, ainda, estudavam em curso noturno, por serem carentes e em virtude disso, precisavam trabalhar.

Confesso, humildemente, que jamais encontrei a resposta para esse enigma. O fato é que o ato da escolha profissional levava menos em conta a vontade e a identificação dos jovens com suas carreiras e mais com uma lógica burra do utilitarismo moderno. Começava eu a entender, então, que, de certa maneira, as opções profissionais, em nosso caso, estavam sustentadas exatamente na falta de opção.

Dialética suprema da ignorância, ontológica por excelência, uma vez que se estabelece na unidade dos contrários, a contradição que aqui se desenha, é a pedra fundamental de todas as tensões que irão ser geradas no cotidiano acadêmico, primeiramente e, em seguida no cotidiano profissional.

Explico! Apoiados em princípios falsos, não raro, a maioria dos adolescentes ingressantes, não consegue compreender a sua relação com o curso escolhido e, o pior, a sua relação com um curso de nível superior. Enquanto perdura o efeito do ópio inalado pela conquista obtida nos exames vestibulares, em que a vaidade e a auto-estima encontram-se

estimuladas pela vitória alcançada, quase que não se vê grandes manifestações de insatisfação com relação ao Curso. Esse estado de letargia, não resiste ao segundo semestre. Os sintomas e os efeitos da realidade serão sentidos nos períodos seguintes. Não me deterei nas noites seguintes. Isso é motivo para um outro momento. Voltemos para a primeira noite.

Procurei então compreender a origem desse comportamento. Em que momento da vida adolescente é rompida a barreira dos sonhos, do devir? Porque fazer um curso somente, ou fundamentalmente, para se ter um diploma de nível superior? Será que essa geração ouviu falar em algum momento de suas vidas em vocação profissional? Como será esse jovem no futuro?

Em meus questionamentos....

[...] pensei com os meus botões. Quais desses pequeninos modelados pela vulgaridade dos pais vão chegar à plenitude de seres honestos? Verdadeiros? Não estou pedindo heróis, não estou pedindo santos mas dentre esses machos e fêmeas, quais deles serão ao menos limpos? Dê um passo em frente aquele que conseguir escapar da agressividade num mundo onde a marca (principal) é a da violência! (TELLES, 1998, p.)

Depois, lembrei-me dos resultados de uma pesquisa sobre a formação profissional, realizada pelo Egrégio Conselho Federal de Administração, que concluiu categoricamente:

Analisando-se, comparativamente, os dados de 1994 e 2003 percebe-se uma diminuição acentuada de 47% para 14%, respectivamente, das pessoas que escolheram a profissão de Administrador por vocação. A preocupação dos Administradores, hoje, está centrada na questão da empregabilidade, isto é, na existência de um amplo mercado de trabalho, da formação generalista e da diversidade de alternativas de especialização que o Curso oferece. (ANDRADE, et al, 2004, p.18)

Na ausência da vocação o espaço é preenchido pelo oportunismo profissional. No amplo espectro dos matizes ocupacionais que as organizações modernas apresentam, desde o auxiliar administrativo até o executivo, tudo e todos são tratados como pertencentes ao campo da generosa administração.

A identidade profissional assim se constituirá dentro de um quadro difuso onde o que importa é, em primeira instância, a projeção social e os benefícios financeiros que a profissão de Administrador poderá trazer. Afastam-se todos e quaisquer argumentos que estejam relacionados a sentimentos pessoais.

Nesse particular, as famílias dos futuros administradores exercem um papel de extrema relevância na definição do Curso. São elas que, na maioria das vezes, selecionam a escolha do curso e os empurram compulsoriamente para a vida profissional, sem o menor constrangimento, sem o menor pudor, colocando os ganhos financeiros, como o vetor central de todas as ações profissionais.

Percebo isso em muitos dos meus alunos e sinto-me pouco à vontade com o desenrolar dos seus destinos. Eu que, particularmente, atravesso junto com eles esse os seus destinos por cinco anos, não esquecer-me do depoimento de um aluno que me marcou profundamente.

Professor, o senhor em uma de suas aulas nos fez uma afirmação que me levou a pensar um pouco mais sobre a minha carreira: você só ganha dinheiro naquilo que você é bom; você só é bom naquilo que você faz bem e você só faz bem aquilo que gosta. Na época isso foi um soco no meu estômago. Fiz administração obrigado pelos meus pais porque era o terceiro vestibular que eu fazia – dois para a engenharia – e não passava. O que eu queria fazer na verdade era música. O meu sonho era ser pianista clássico. Meus pais nunca nem me deixaram estudar piano. Sempre que eu falava nesse assunto o que eu ouvia era sempre a mesma ladainha:

...você tem que fazer alguma coisa para ganhar dinheiro. Música é coisa para desocupado. Conformei-me durante muito tempo com o teclado do computador mas na semana passada passei no vestibular do curso de música em primeiro lugar para habilitação em piano. Larguei a Administração. Queria que o senhor fosse o primeiro a saber. Obrigado! Como é bom fazer o que se gosta! (DEPOIMENTO DE UM ALUNO DO 2º PERÍODO)

O discurso contido no princípio pedagógico formulado pela família brasileira, guarda até o hoje o ranço colonial expresso em três grandes desejos: “(...) qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum”. (MACHADO DE ASSIS, 2005, p.86)

O que se nota de mais importante não é a profissão escolhida e sim aquilo que dela independente dela possa fazer do filho um indivíduo vir a ser grande, ilustre ou pelo menos notável. Profissão ou ofício são opções secundárias. Uma inversão morfológica dos textos pessoais. Assim é que nessa inversão, os adjetivos se tornam mais importantes do que os substantivos e os antecedem nessa oração mal formulada na vida pessoal de cada um. E, complementando a lógica, aqui escusa, da ascensão social, sugere o personagem “(...) assim também é de boa prática social escolheres um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição”. (MACHADO DE ASSIS, 2005, p.86)

Ainda hoje, as profissões são escolhidas dentro desse viés: aquela que oferecer as maiores chances de um emprego. É com essa perspectiva que os nossos adolescentes olham para as suas academias. Faltam-lhes a identificação, faltam-lhes os objetivos, faltam-lhes a compreensão do papel da educação em seus futuros profissionais. E que futuros?

Olho para um quadro preso à parede da minha sala e leio e releio várias vezes na tentativa de encontrar respostas para as minhas próprias perguntas. Preciso rever esse saudosismo educacional que me acompanha. Esse conflito diário entre mim e a sala de aula resiste em desafiar as minhas forças intelectuais, se bem que pequenas, mas suficiente para lutar por um mundo melhor para essa juventude.

[...] No passado, a saída da escola e a entrada no mundo dos negócios eram vividas como uma ruptura, como um grande salto no desconhecido. Hoje, tudo isso mudou. O sistema escolar está marcado pela colaboração da Universidade com as empresas. Os estudantes de hoje têm um futuro padronizado pelos modelos profissionais estabelecidos pelo mercado. E este modelo, para o estudante médio trata-se do melhor futuro que ele pode sonhar. Todos estes jovens têm um futuro comum: a sua geração será uma geração de burocratas. E para que isso se concretize, essa jovem geração tem que estar bem adaptada, bem integrada. E estão! Por isso, são profundamente conservadores, indiferentes às mudanças políticas. São técnicos da sociedade, não são inovadores. Querem entrar na máquina e fazê-la funcionar. (...) Compram uma tranquilidade imaginária pelo preço de uma felicidade real.

Quadro 1: A entrada na vida

Fonte: Lapassade (1975), p. 197.

Bem, a partir dessa precária instituição da escolha profissional e da educação que lhe alimenta me vi na obrigação cívica, moral e ética de submeter aos meus pares, a título de sugestão, algumas recomendações pedagógicas que orgulhosamente as chamei de teses; implícito está nessa denominação o desejo de dar a esse trabalho um verniz científico.

Acredito que agindo assim, todos os professores estariam respeitando os mesmos princípios que levam os nossos alunos de hoje às academias, isto é: a relação custo-benefício (como eles sempre se referem quando pagam a terceiros para fazer os seus trabalhos acadêmicos).

Circunscritas a essa lógica administrativa, todas as teses aqui propostas teriam como objetivo último a obtenção de um diploma de nível superior (o benefício) e com a menor inversão de capital financeiro (custo): não precise gastar muito e; intelectual : com a menor perda (sic) de tempo.

Recorri uma vez mais a Machado, a essa altura do texto, íntimo das minhas reflexões e pela lembrança do centenário da sua morte, para suportar as minhas teses.

1ª tese: Sobre a leitura e seus artefatos

Como os alunos não gostam de ler e a maioria não gosta porque não sabe mesmo, procurei minimizar o sofrimento estudantil propondo que se adotasse as recomendações propostas pelo personagem de Machado, ao propor uma teoria para se chegar a ser um medalhão: algo parecido a uma celebridade nos dias de hoje.

As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas à vista de todos. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de um cronista que esteja na moda. (MACHADO DE ASSIS, 2005, p.86)

Um dos alunos convenceu-me definitivamente porque não usava a biblioteca. Para ser mais específico, estava no último período e só entrou na biblioteca duas vezes: uma através do professor de metodologia científica que os levava no primeiro período para conhecer o prédio e a outra para encontrar com uma namorada longe das vistas de outra. Dizia-me ele que a biblioteca era o melhor lugar para esconder-se de um aluno de Administração (no caso uma aluna), porque era um lugar pouco freqüentado por eles.

A razão dessa baixa freqüência, explicando-me ele, era culpa do Curso ser em horário noturno e do rigor da maioria dos professores em exigir que os alunos cumprissem sempre o horário das aulas. Ora, afirmava:

Como saio do trabalho sempre em cima da hora, não existe a menor possibilidade de que eu passe na biblioteca. Quando eu preciso, o que é raro, vou na hora do intervalo e aí não tenho tempo de lancha e se a fome obrigar-me, chego atrasado na segunda aula e aí também levo falta. Depois das aulas a biblioteca está fechada. Sábado? Eu quero é dormir o dia todo e me preparar para a balada.

Quanto ao acervo sugiro a substituição dos livros e periódicos científicos por revistas semanais, de preferência que tenham títulos que façam referência aos negócios ou ao *business* (que é muito mais elegante). De preferência que estas revistas tenham bastante figuras coloridas.

2ª tese: O domínio do verbo e da arte da embromação

Em cursos de Administração, se bem que não possa assegurar que em outros cursos não ocorra o mesmo, o requinte pedagógico são os seminários. Faz-se seminários de tudo o que é assunto e com qualquer número de participantes. A técnica pedagógica aqui citada, tem lá as suas vantagens, tanto para professores quanto para os alunos.

Para os professores, economizam um tempo danado e o esforço do docente em dar aula. Esse sistema, incrivelmente inteligente, desloca, inclusive todo o trabalho de preparação de aula para os alunos, os quais devem estudar os conteúdos, mesmo que ainda não tenham sido explicados pelos professores e preparar a sua apresentação para o restante da turma. O professor, contribui, com a sua intelectualidade, digamos assim. Faz intervenções, apresenta exemplos (quando os têm) e parafraseia o texto apresentado.

Para os alunos, as vantagens dos seminários estão, primeiramente nos encontros dos grupos nos finais de semana que os seminários proporcionam (para os que moram em repúblicas então, esse contato com a família de um colega, um almoçinho ou mesmo um lanche da tarde, é o manjar dos deuses).

Em seguida, as possibilidades de não ter que ouvir as aulas de alguns professores; como disse uma aluna sobre as vantagens do método de seminários.

Professor, olha só! Tem professores que a gente tem o maior tesão em assistir aula. Falam bem, são educados e conseguem manter a gente sem dormir a aula inteira. Você vê que ele sabe e domina o assunto. Fala com segurança. Os outros são o contrário, além de ignorantes, de não dominarem a matéria, são os mais arrogantes e os que mais reprovam. Esses, por todas essas qualidades, só conseguem trabalhar em sala de aula com seminários, porque não sabem dar aula; você percebe a *falta de saco* deles quando entram em sala de aula. Aqui na turma, como nós conhecemos esse tipo de professor, nós mesmos tomamos a iniciativa de sugerir os seminários. É melhor nós bancarmos o professor do que ter que ouvir a embromação deles. De tanto nós prepararmos seminários às vezes damos aula melhor e sabemos mais do que muito dos nossos professores. (DEPOIMENTO DE UMA ALUNA DO 3º PERÍODO)

Na realidade, esses seminários ao serem conduzidos por alunos, sem a orientação prévia de um professor, acabam por se tornar um evento com efeitos muito mais de animação do que propriamente de aprendizagem. Aqui desempenhamos um papel para o qual não fomos preparados: o de animador. Não discuto a técnica. Discuto as distorções de sua aplicação.

O espetáculo que se engendra por conta deste evento junto aos alunos é digno de um roteiro de teatro de pantomima. Os rapazes comparecem com as suas melhores roupas, alguns até de terno e as moças da mesma maneira, rebocadas como se fossem para uma festa. As apresentações de excelente traço artístico servem como atenuante da porcaria daquilo que é dito.

Como lêem mal, o que se vê, na maioria das vezes é a repetição daquilo que está escrito no texto (modelo possivelmente copiado dos professores que lêem transparências). Não conseguem, sequer, parafrasear o que autor pretendeu colocar em discussão. As apresentações, chegam às raias do patético. É difícil separar aquilo que pertence ao autor e o que é crítica ou opinião do aluno. Enquanto um grupo apresenta o seu trabalho, os membros dos outros grupos, conversam, preparam trabalhos de outras disciplinas, fazem tudo, menos prestar atenção no que está sendo apresentado. Questionar, abrir debates sobre o tema tratado, nem pensar. Não raro, professores cansados, cochilam também enquanto os grupos apresentam. Existem casos, em que os textos dados aos alunos são de total desconhecimento dos próprios professores.

O resultado dessa, digamos.... inversão pedagógica é a convicção inabalável que muitos dos alunos de administração nutrem em relação aos seus discursos. Acreditam eles que qualquer coisa que venham a dizer é uma verdade e, sendo assim, interpretam qualquer fenômeno científico, segundo a sua ótica particular. Seguem, à risca, as diretrizes da escola que formam os medalhões. Aprendem, desde cedo que sempre que a ocasião necessitar devem usar

Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, axiomas jurídicos, máximas,...) para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. (MACHADO DE ASSIS, 2005, p.91)

3ª tese: Sobre a conscientização científica

Para o cotidiano acadêmico, os recursos acima, alinham a retórica e os jargões clássicos de última hora. Para as situações específicas em que se necessita um discurso mais sofisticado, na falta de uma idéia mais imediata, fui obrigado a recorrer aos vermes citados no início deste trabalho. Por estarem executando uma experiência de grupo, usando os princípios de equipes de aprendizagem, responderam-me em coro:

(...) Para toda a recente terminologia científica deve-se decorá-la. Entendamo-nos: no papel e na língua alguma filosofia, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que deve ser empregada com freqüência, mas proibimos que se chegue a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Deve se fugir a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc. “.(MACHADO DE ASSIS, 2005, p.97)

Sábias palavras de Machado, como sempre! Ia retirando-me satisfeito quando um pequeno verme, lembrou-me sobre a importância da publicidade, da exposição a qualquer preço. Afinal, disse-me ele, de que adianta, educar seres humanos para o exercício de suas profissões se não os ensinarmos a usarem de seu fascínio pessoal para conseguir alcançar objetivos mais elevados.

Dessa reflexão vermífuga e do sumo dos aprendizados anteriores nasce a quarta tese

4ª tese: Da publicidade: quando a aparência é superior à essência

As cerimônias que revestem a titulação profissional dos estudantes é a síntese da inversão dos valores educacionais que levaram à formação de líderes em diferentes momentos da história das sociedades. Parecer hoje é mais importante do que ser. Não importa o que se aprende ou os meios que se utilizam para chegar ao final de um curso. O importante é conseguir o diploma e, principalmente, torná-lo público.

De tanto que esse fato está presente no cotidiano acadêmico, é possível entender-se como uma verdade difundida, as recomendações que o pai faz a seu filho, no conto de Machado.

A publicidade é uma dona sedutora e elegante, que tu deves galantear à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. (...) O verdadeiro medalhão (...) longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia deve ser espalhada entre os seus concidadãos. Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; (...) começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigatória, de rótulo. “.(MACHADO DE ASSIS, 2005, p.94)

Poderia substituir rótulo, por título, por diploma ou qualquer coisa do gênero e parar por aqui essa crônica. Mas não! Essa primeira noite estaria incompleta. Existem outros personagens que ainda não foram citados e não poderiam ficar de fora dessa trama.

Passo a falar agora dos alunos das escolas de administração particulares.

Os cursos noturnos de Administração oferecidos pelas escolas particulares de ensino superior, recebem um público diferente daquele que frequenta as Universidades Públicas. Esse público é formado por aqueles que não obtiveram êxito nos exames de ingresso para o curso desejado. Ou, por falta de capacidade intelectual ou por desígnios de ordem social que o fizeram, precocemente, se afastarem dos bancos escolares e lutar pela sobrevivência em algum tipo de ocupação remunerada. Grosso modo, as escolas particulares estariam cumprindo o papel social que as escolas públicas deveriam cumprir. Recebem aqueles que estão à margem do modelo educacional em sua forma mais tradicional.

Premidos pelas empresas para obterem o diploma de nível superior, os funcionários/alunos são compulsoriamente levados a se matricularem em um curso de nível superior, sob pena de serem demitidos se não o fizerem. É o que os tecnocratas de RH conseguem entender como ação para a inclusão social.

Nesse caso, a carreira é definida pelo preço da mensalidade: o curso é escolhido de acordo com a disponibilidade de caixa do pretendente ou da sacola-educação dada pela empresa e tem início a partir daí, um ciclo vicioso e pernicioso que irá colocar a escola e os professores em um extremo e os alunos em outro.

Como pagantes, esses alunos estabelecem com a Instituição Educacional a ditadura do freguês: assim é que, a instituição se transforma em empresa, o aluno em cliente, o ensino em produto e os professores em vendedores. Fecha-se, assim, o círculo mercantilista da educação.

Segundo essa lógica, o aluno pelo preço do produto que paga, define, como exigem as boas práticas da relação comercial, o tipo de produto, a hora que deve usar, quais os modelos que está disposto a consumir e qual o vendedor que irá atendê-lo.

A ética das relações pedagógicas que se estabelecem a partir daí invertem, limitam e definem as novas responsabilidades dos promotores do aprendizado. Não há mais sentido em se falar aqui em professores.

A ditadura do aluno que emerge dessas condições se vê explícita em inúmeras concessões que as escolas particulares fazem como forma de minimizarem os seus déficits financeiros.

A turma define, grosso modo, os professores que querem para um dado semestre. A base racional dessa escolha é o instrumento denominado Avaliação de Reação, muito usado em centros de treinamento. É certo que boa parte das instituições utilizam esse modelo de avaliação sem ter a menor idéia do porquê e para quê ele foi criado. Enfim, deixemos esses detalhes para um outro momento.

A avaliação a partir daí, assume ares de um acerto de contas. Se a turma gostar do professor ou o professor “cair” na simpatia da turma, o que dá no mesmo, ele continua como professor. Caso contrário, a carreira de vendedor de produtos de beleza é uma segunda opção profissional para os professores mal avaliados.

Fiz uma consulta exaustiva, como se referem os meus pares de pesquisa, entre as diferentes correntes da Ciência. Consultei os sábios da Educação, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia e, por que não, da Filosofia - afinal nove entre dez pesquisadores das ciências sociais, a mencionam sempre que precisam dar um lustro em seus relatórios. Todo esse trabalho de investigação se deu no sentido de identificar de que maneira os professores devem se comportar junto aos seus alunos para obter uma boa avaliação.

Consultei ainda os livros sagrados, atas de reunião de conselhos superiores e aproveitando as de condomínios. Li pareceres de consultores ad hoc, discursos de vereadores,

deputados, senadores, ministros, inclusive os cassados e presidentes de escolas de samba. Entrevistei pós-doutores, doutores, mestres, especialistas (mbas), bacharéis, licenciados plenos e licenciados curtos, tecnólogos e seqüentes (escolhi esse nome, na falta de um título melhor para quem faz o curso seqüencial). Para que não me viessem mais tarde contestar a minha amostra. Estendi as entrevistas aos partícipes das minorias, do que respondem pelo senso comum, dos excluídos e de todos os sem alguma coisa.

Enfim, tenho o céu por testemunha que tudo fiz em nome da Ciência e com os fins precípuos de chegar aos resultados pretendidos. E nada! Nenhum resultado.

Como já disse anteriormente, costumo, às vezes, utilizar métodos em minhas pesquisas que nem sempre são bem recebidos pela comunidade científica. Mas que funciona, funciona!. Contarei como obtive alguns dados secundários.

Um sábio professor, punido com a pena do descredenciamento do seu programa de mestrado por não ter alcançado o índice de produtividade estabelecido pelo alto clero, ato esse que o deixou profundamente magoado, só não o levando a atentar contra a própria vida, o fato de ter se apaixonado por Tâmis, uma pesquisadora de um instituto de pesquisa internacional que prometeu em troca do amor correspondido melhorar a produção científica dele publicando juntos os seus trabalhos de pesquisa. Pois bem, do interior da sua dor, dizia-me ele:

- Quem me dera não ter nascido! (...). Perguntei-lhe por quê. – Há quarenta anos que estudo – respondeu-me – e são quarenta anos perdidos: ensino aos outros, e ignoro tudo; esse estado me enche a alma de tal humilhação e desgosto, que me torna a vida insuportável. Nasci, vivo no tempo, e não sei o que é o tempo; acho-me num ponto entre duas eternidades, como dizem os nossos sábios, e não tenho a mínima idéia da eternidade. Sou composto de matéria, penso, e nunca pude saber por que coisa é produzido o pensamento; ignoro se o meu entendimento é em mim uma simples faculdade, como a de marchar, de digerir, e se penso com a minha cabeça como seguro com as minhas mãos. Não só o princípio de meu pensamento me é desconhecido, mas também o princípio de meus movimentos: não sei por que existo. No entanto, cada dia me fazem perguntas sobre todos esses pontos; é preciso responder; nada tenho que preste para lhes comunicar; falo bastante, e fico confuso e envergonhado de mim mesmo após haver falado. (VOLTAIRE, 2001, p.12)

Continuando a sua reflexão, o sábio professor revelou-me que a questão de ser bem aceito pelos alunos era uma questão de fundo (convém explicar que ele era professor de um ramo das ciências sociais, que não indaguei qual na ocasião, por mero descuido e que o levava a usar um jargão todo especial, como essa que antecede o parêntese).

Fui ao fundo então na questão e quis que ele me dissesse no que ele estava pensando. Senhoras e senhores, para quê fui fazer essa pergunta? A erudição da resposta deixou-me simplesmente catatônico. É curioso como os professores das ciências sociais têm o dom da palavra e, quiçá, do verbo. Têm respostas para tudo. Tudo tem uma interpretação. Os sociólogos e os psicólogos então, nem se fala!

Como era de se esperar, esse sábio professor, deu-me a sua explicação. Disse-me ele em tom filosófico:

Primeiramente, precisamos ter o cuidado de não deixarmos o assunto resvalar para o rés do chão. Isso porque Educação é coisa séria. Disse isso em tom presidencial e continuou.

Para que possamos transcender esse estado de coisas a que nós professores somos levados em nosso devir pedagógico, apresento-o um texto, a título de reflexão, construído sobre a grande Filosofia do Penetral. Antes que me deixasse falar alguma coisa, continuou.

Para que você entenda os fundamentos dessa Filosofia, resgato o diálogo que a deu origem. Para que você possa entender melhor, faça de contas que eu sou o Clemente e você

coloque-se no lugar do Quaderna. E assim fez, entregando-me uma folha de papel amarelada pelo tempo que optei por deixá-la como Anexo único a esse trabalho.

A partir daquele momento foram três, ao invés de uma, as dúvidas. A primeira era como se comportar junto aos alunos para obter uma boa nota na avaliação deles. A segunda o que era penétral e a terceira com que tinha a ver uma coisa com a outra?

Esclareceu-me, então, o citado professor que A Filosofia do Penétral, nada mais era do que o pano de fundo da nossa análise e que o Quaderna, por assim dizer era a representação mais bem acabada dos alunos de cursos noturnos: lêem pouco e quando o fazem restringem-se aos Almanques do tipo Dicionário Prático Ilustrado, aquelas revistinhas de negócios; são fortemente influenciados pelos discursos sofisticados mesmo que nada entendam e, os repetem, mesmo sem entender coisa alguma, como se fossem suas próprias verdades.

A partir daí, não tive outra saída senão começar a aprofundar as minhas reflexões (expressão muito usada em textos científicos e falas em congressos) e propor estratégias pedagógicas para transcender o conflito (idem parêntese anterior) entre professores e alunos de escolas particulares. Estava eu entregue às minhas divagações professorais sem a menor perspectiva de encontrar um resultado satisfatório quando o Magnífico professor, interrompeu-me e deu a seguinte sugestão: por que você não acrescenta ao seu caderno de teses mais uma, e coloque no título: de como fazer uma omelete sem quebrar os ovos.

Nesse momento tive que discordar com o mestre, menos pelas suas recomendações do que pelo título proposto e assim decidi pelo seguinte título:

5ª tese : De como dar à ignorância uma pátina de sabedoria

Assim procedendo, colecionei as pérolas de práticas pedagógicas sugeridas pela experiência do nosso profeta:

- ◆ Quanto aos trabalhos acadêmicos proponha, sempre, que sejam realizados em grupo (quanto maior o número de participantes melhor) .Seguindo a mesma linha, em hipótese alguma se pensar em provas que não sejam feitas pelo menos em duplas. Os alunos irão adorar e o seu trabalho de correção será reduzido substancialmente.
- ◆ Como a maior parte desses alunos são de classes profissionais localizadas no rés do chão das hierarquias organizacionais, quanto mais se criticar o modelo econômico e os níveis superiores da organização, maior será a simpatia desses alunos para com você. É o que se pode chamar de aproximação estratégica.
- ◆ Em casos de reprovação, utilize sem discussão, o recurso das provas substitutivas. Não caia, em hipótese alguma, na tentação de reprovar um aluno. Além dele não aprender nada com a repetição da matéria, irá causar alguns arranhões na sua imagem, vindo a interferir nas avaliações das próximas turmas. Um susto é o suficiente! Sem contar com o seu retrabalho em preparar novos exemplos para o semestre em que ele estará presente na sua sala de aula.
- ◆ Abraçe os seus alunos, procure se interessar pelos problemas deles e não se esqueçam de usar o velho tapinha usado pelos políticos, estimulador de simpatia. Não perca tempo com conteúdos muito complexos, que demandem muito tempo de estudo e de concentração. Ler algum texto, somente em casos extremos. Prefira retirar as principais frases colocando-as em uma transparência e dê a eles como recordação. É isso mesmo, como recordação, porque depois da aula, esse material jamais será utilizado, a não ser que esse aluno precise para o caso de vir a ser professor, usar em sala de aula ou em concurso público para docentes. O material já está pronto.

- ◆ Jogos e estudo de casos são excelentes recursos pedagógicos a serem utilizados. Além de divulgar o seu trabalho junto a outras turmas divulga também você como um professor moderno, atualizado.
- ◆ Visitas técnicas a empresas é um excelente expediente. Dê preferência a visitas que precisem de viagens mais longas, onde seja permitido cantar, dançar e beber durante toda a viagem, mesmo que ao chegar ao local estejam todos cansados e poucos interessados no que vieram realmente ver. Caso você deseje sofisticar os seus recursos pedagógicos, proponha organização de eventos que tenha alguma relação com o curso. Não precisa ter muita, desde que garanta a diversão. Exija um relatório de visita, muito mais como um instrumento de satisfação à Coordenação do curso do que como avaliador de aprendizagem. Porque isso você já sabia antes da viagem acontecer.
- ◆ Semanas científicas para cursos noturnos, nem pensar! A não ser que você queira criar um recesso que não estava programado e dar um descanso para você e para o grupo, devidamente cancelado.

Depois desses conselhos, vindos de um, digamos, sábio, percebi que os valores educacionais que havia adquirido nos bancos das escolas de outrora, não se prestavam mais aos modelos educacionais do presente. A sala de aula, o professor, os projetos pedagógicos, a própria relação aluno-professor foram ou estavam sendo substituídos por um outro modelo que eu não sabia operar.

Nesse novo modelo, não tinha mais sentido se falar em carreira. Formar-se agora em um curso de dois, quatro ou cinco anos era a mesma coisa.

Nesses complexos e difusos projetos educacionais que vêm sendo propostos à sociedade brasileira, já é possível perceber-se o cansaço da velha senhora. Multiplicam-se em progressão geométrica as Universidades Corporativas, patrocinadas por empresas, que em parceria com algumas viúvas falidas, oferecem cursos de pós-graduação específicos para as necessidades empresariais.

O resultado não poderia ser diferente daquele que todos nós professores nos defrontamos nos dias de hoje. Alunos despreparados, cansados, indecisos, desmotivados e agressivos de um lado e, do outro, professores com características idênticas.

Ensinar está reduzido à uma operação tal como a de uma negociação de crédito. Em nome da boa norma, tudo deve ser negociado com o aluno: desde o conteúdo, passando pelas avaliações até chegarmos à sua aprovação. Financiamento de quatro a cinco anos e enfim...um diploma. Não é por outro motivo que as academias, não importam se de natureza pública ou privada, vêm se transformando em grandes centros de convivência, em verdadeiros grêmios, em *points* de *happy-hours*: não raro, competimos, em audiência, com o bar em frente à escola, com o traficante que nos ameaça por limitar o seu “mercado” e, não raro somos obrigados a aturar alunos alcoolizados em sala de aula (principalmente nas aulas de sexta à noite).

Ao pé em que se encontravam as minhas reflexões, tive de consultar o sábio professor dos parágrafos anteriores. Ao ver o meu total desespero, deu-me um último conselho, antes de partir:

- Siga os conselhos do Velho Brâmane e deu-me um papelzinho com esse texto subscrito:

Vou consultar nossos antigos livros, e estes duplicam as minhas trevas. Vou consultar meus companheiros: respondem-me uns que o essencial é gozar a vida e zombar dos homens; outros julgam saber alguma coisa, e perdem-se em divagações; tudo concorre para aumentar o doloroso sentimento que me domina. Sinto-me às vezes à borda do desespero, quando penso que, após todas as minhas pesquisas, não sei nem de onde venho, nem o que sou, nem para onde vou, nem o que me tornarei. (...) consultei minha consciência e vi que na verdade (...) não desejaria ser feliz sob a condição de ser imbecil. Mas, refletindo bem, parece uma insensatez preferir a razão à felicidade. Como se explica, pois, tal contradição? Como todas as outras.

Quadro 2: O sacerdote brâmane

Fonte: Voltaire (2001), p. 12.

Li e reli o bilhete várias vezes em busca de uma conclusão, ou que fosse, uma humilde consideração final. O cansaço dessa noite recomendava ao meu corpo e à minha mente que era hora de parar. Afinal, essa era a primeira noite de muitas que se sucederiam até o limite da minha sanidade, das minhas possibilidades de atuar simplesmente como um educador e nada mais.

Deixo os meus pensamentos repousarem no travesseiro e coloco a minha alma em vigília para que me acorde sempre para os dias seguintes. Boa noite!

ANEXO ÚNICO: A FILOSOFIA DO PENETRAL (folha de papel amarelada pelo tempo)

(...) - Clemente, esse nome de “penetral” é uma beleza! É bonito, difícil, esquisito, e, só por ele, a gente vê logo que a sua Filosofia é profunda e importante. O que é que quer dizer “penetral”, hein?

- Olhe, Quaderna, o “penetral” é de lascar! Ou você tem “a intuição do penetral” ou não tem a intuição de nada! Basta que eu lhe diga que o “penetral” é “a união do faraute com o insólito regalo”, motivo pelo qual abarca o faraute, a quadra do deferido, o trebelho da justa, o rodopelo, o torvo torvelim e a subjunção da relápsia.

- Danou-se! Exclamou Quaderna, entusiasmado – O penetral é tudo isso, Clemente?

- Tudo isso e muito mais, Quaderna, porque o penetral é “o único amplo”! Você sabe como é que “a centúria dos incolos primeiros”, isto é, os homens, sai da “desconheçença para a sabença”?

- Sei não, confessou Quaderna, envergonhado.

- Bem, então para ir conhecendo logo o processo gaviônico de conhecimento penetrálico, feche os olhos!

- Fechei! , disse Quaderna obedecendo

- Agora, pense no mundo, no mundo que nos cerca!

- O mundo, o mundo.... Pronto, pensei!

- Em que é que você está pensando?

- Estou pensando numa estrada, numas pedras, num bode, num pé de catingueira, numa Onça, numa mulher nua, num pé de coroa-de-frade, no vento, na poeira, no cheiro de cumaru e num jumento trepando com uma jumenta!

- Basta, pode abrir os olhos! Agora me diga uma coisa: o que é isto que você pensou?

- É o mundo!

- É não, é somente uma parte dele! É a “quadra do deferido”, aquilo que foi deferido a você, como “incola”! É o “insólito regalo”! É o “côisico”, dividido em duas partes: a “confraria da incessância” e a “força da malacacheta”, representada aí no que você pensou, pelas pedras. Agora pergunto: tudo isso pertence ou não pertence ao penetral?

- Não sei não, Clemente, mas pela cara que você está fazendo, parece que pertence.

- Claro que pertence, Quaderna! Tudo pertence ao penetral! Tudo se inclui no penetral! Entretanto, para completar “o túdico” você, na sua enumeração do mundo, deixou de se referir

a um elemento fundamental, a um elemento que estava presente e que você omitiu! Que elemento foi esse, Quaderna?

- Sei não, Clemente!

- Foi você mesmo, “o faraute”!

- O Faraute não, o Quaderna, disse logo eu cioso, da minha identidade.

- O Quaderna é um faraute! – insistiu Clemente

- (...) E o que é um Faraute, Clemente?

- Ora, Quaderna, você leitor assíduo daquele Dicionário Prático Ilustrado que herdou do seu pai, perguntar isso? Vá lá, no seu querido livro de figuras, que encontra! “Faraute” significa intérprete, língua, medianoiro! O curioso é que a “quadra do deferido” e o “rodopelo” pertencem ao penetral, mas o faraute, seja “nauta-arremessado” ou “tapuia-errante”, também pertence! Não é formidável? É daí que se origina “o horrífico desmaio”, o “tonteio da mente abrasada”

_ (...) Acho de uma profundidade de lascar, Clemente! Para ser franco, entendi pouca coisa, mas já basta para me mostrar que a sua Filosofia é foda! Mas o que é, mesmo, penetral? (SUASSUNA, 1971, p.193)

REFERÊNCIAS

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. Ática:São Paulo. 1984.

_____. A teoria do medalhão. **In:- Papéis avulsos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MELLO JR, E; MARÇAL, E. **O perfil do aluno do curso de administração da Universidade X e o mercado de trabalho**. (mimeo). 1986.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano**. 8.ed. Porto Alegre:Artmed, 2006.

SUASSUNA, A. **Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

TELLES, Lygia Fagundes. O anão de jardim. **In:A noite escura e mais eu**. São Paulo: Rocco. 1998.

VOLTAIRE (Françoise-Marie Arouet). O sacerdote brâmane. **In:- Breves Contos II**. Ridendo Castigat Mores. eBooksBrasil.com / www.jahr.org. Julho 2001.

NOTAS

¹ Uma excelente referência sobre Desenvolvimento Humano encontra-se em PAPALIA, Diane E et al. No capítulo referente ao desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência, o trabalho de Elkind sobre os aspectos imaturos do pensamento adolescente, servem de base ao texto apresentado.

² Segundo dados do Censo 2005 para o Ensino Superior, realizado pelo INEP-MEC, no Município estudado (600.000 habitantes), existem 10 (dez) Instituições diferentes que oferecem Cursos de Administração, com formação em Bacharelado, presencial. Desses cursos, 10 são em horário exclusivamente noturno e 4 funcionam simultaneamente em horário diurno e noturno. O total de vagas oferecidas, isto é, autorizadas pelas Comissões do MEC/SESU, totalizam 1860 vagas. Comparando-se com outros cursos de nível superior com formação em bacharelado, ofertados no mesmo Município, observa-se que: no caso do Curso de Engenharia, 5 (cinco) Instituições oferecem esse curso, com um total de 1516 vagas distribuídas entre 8 especialidades diferentes; no caso do curso de Direito, 8 (oito) instituições oferecem esse curso, com um total de 1.320 vagas. Anualmente, as 10 Instituições que oferecem cursos de Administração presenciais, colocam no mercado de trabalho, aproximadamente 600 Administradores.